

CHIQUINHA

Nilce Azevedo

Decididamente não gostava do seu próprio nome. Todas as amigas da sua idade tinham nome de princesa, de capas de revista, ou de artistas de cinema: Grace Kelly; Kelly Cristina; Audrey; Keith; Vivian... Na sua turma da 2ª série tinha também uma Ingrid, uma Beth, bem bestinha, uma Cláudia, uma Claire e uma Estela Maris. Chiquinha assim mesmo, Chiquinha, só ela. No início das aulas era um constrangimento. Principalmente quando chegava uma professora nova. Os colegas mal disfarçavam as risadinhas, ouvindo a moça chamar com voz hesitante e interrogativa: Chiquinha... Não seria Francisca?

Não, era Chiquinha só. Assim como tem Rosinha, Terezinha, Heleninha... Tem até Nina, mas Nina é lindo!

A mãe explicou à filha amuada: quem batizou foi o avô que, na prática, foi avô, pai, padrinho e protetor. Podia fazer questão. Tinha direito. E o vô adorava aquele nome: Chiquinha...

Também falou de São Francisco, santo maneiro que conversava até com os bichos... Bondoso que só ele! Não dá para não gostar de Francisco... Parece que o jeito do santo pega... Será que tem Francisco que não combina com Francisco? Mas Francisco não é Francisca, nem, muito menos, Chiquinha!

Quando fez dezoito, até pensou em mudar de nome no cartório, mas isso lhe tomaria tempo e dinheiro. Então, a ideia foi ficando adiada e agora, do alto dos seus cinquenta e oito, estava pra lá de acomodada... Só quando aparecia um novo paquera na barraca de churrasquinho do Zé, onde costumava encontrar as amigas para tomar cerveja, é que ela se apresentava como Viviane. O problema é que logo se esquecia, deixando o sujeito confuso entre um possível apelido familiar e o provável nome social. O que Chiquinha tinha a ver com Viviane? Um abismo...

Se pudesse escolher, queria ser Jennifer, ou, talvez, Cindy. Priscila Mary também pegava bem... Mas prosseguia sendo Chiquinha, muito conhecida nos bailes do morro Santo Amaro e facilmente localizável na barraca de adereços, tiaras, arquinhos e bijus, que instalava diariamente, na esquina da Rua Ferreira Vianna com a Rua Do Catete, a poucos metros do Museu da República.

Desde que o avô morrera, quando ela acabara de completar 15 anos, teve que se virar sozinha. Antes, na pobreza digna, ele fora o seu amparo de dinheiro e coração. Por isso, apesar de não gostar do mau-gosto do avô para nomear, ela gostava demais daquele avô...

Era filho de branco com preta; magro, alto, sempre de terno e chapéu. Costumava tocar cavaquinho nas festas da vizinhança. Também contava anedotas, tomava cachaça e dançava alegremente, enlaçando as damas naquelas músicas enroscadinhas de gafeira.

Ela mesma sabia que tinha nascido sem pai e de mãe adolescente. Os avós ficaram preocupados, mas não botaram pra fora de casa como se fazia antigamente. Cuidaram de filha e neta, com modéstia e honradez. Encantados com a menina, que segundo as fotos tiradas no lambe-lambe do Largo do Machado era até bem bonitinha, a chamaram de Chiquinha.

A mãe continuou a estudar, mas, pouco depois, conheceu um rapaz distinto que lhe propôs casamento de verdade. Só não dava para levar a Chiquinha, nessa época com dois anos, apenas. Então, os avós criaram... Sabia que tinha quatro meios-irmãos, mas a nova família da mãe, principalmente a sogra, muito religiosa, não poderia admitir ante seus olhos a prova de um mau-passo.

A avó costurava para fora. O avô era mestre de obras de dia e boêmio nas madrugadas. De vez em quando, o malandro descolava uma merreca tocando nos bares e nas feiras e era ela quem passava o chapéu. Dava pra levar com vida simples, mas muita alegria. Pequena, mal percebia a pobreza. Até que o velho ficou doente...

Pelo final do ano, a mãe aparecia trazendo presentes e dinheiro para as despesas, mas pouco se lembrava dela. A não ser do dia em que, pequerrucha em seu colo, ela veio com aquele papo de São Francisco. Mas o que ela reconheceu, mesmo sem entender, foi o tal direito que o avô tinha para lhe dar o nome. Afinal, ele que cuidava dela, principalmente a partir do dia em que a avó morreu e a mãe nunca mais apareceu!

O avô tinha deixado a lavoura em Minas Gerais, para trabalhar como peão na abertura da Avenida Presidente Vargas. Não se esqueceu de trazer a viola com que animava, desde rapazinho, as noites de Calango da roça.

Bastou chegar aos arredores do Mangue, onde se instalava o imenso canteiro de obras, e travar conhecimento com os bambas da Praça Onze para logo se adaptar ao cavaquinho... Mas a avó Guiomar ele conheceu no bonde que ligava a Rua do Ouvidor ao Largo do Machado, passando pelo Catete.

A formosura de Guiomar derreteu seu coração. Até chorou escondido, depois da primeira briga, porque a beldade era muito séria e desconfiava de galanteadores. Teve que pedir arrego e, pouco depois, apaixonado, casou-se com a moça de véu, grinalda e padrinhos, indo morar na casinha dela, no Morro Santo Amaro.

De fato, a avó era uma bela mistura de índia goitacá com vaqueiro de gado leiteiro, nascida em Porciúncula. Com a tia paterna, aprendera as habilidades do corte e costura. Mudou-se cedo para o Rio, onde se tornou modista afamada, porque copiava para as clientes da zona sul aqueles vestidos elegantes, tirados das revistas e modelados no corpo com alfinetes. Também riscava e cortava seus próprios modelitos, para acompanhar o marido em alguma comemoração. E Chiquinha desconfiava que a avó guardasse para si mesma os mais bonitos... Uma forma, como dizia, de dar uma tapa de veludo naquelas madames que sempre corriam alvoroçadas para dançar com o seu homem.

Para a netinha, a avó costurava vestidinhos com sobras de tecido que lhe pareciam lindos, porque imitavam o modo de vestir da Rainha Elizabeth, com chapeuzinho e bolsinha; tudo da mesma cor... Até que ela entrou na pré-adolescência e passou a andar pelo Santo Amaro só de shortinho, top e gorro.

Quando pequena, a avó costumava repuxar seus cabelos cacheados, amarrando-os no alto com um laço de fita. Ela fazia careta, mas logo saía saltitante, atrás do cachorrinho Tatu. O avô, deitado na rede, dedilhando o cavaco, sorria...

Quando saiam à passeio, mudava o penteado: Seu cabelo era repartido no meio e amarrado com fitas, formando dois tufos de cada lado. Não se usavam elásticos. Por isso é que ela foi chamada de Chiquinha e os modernos elásticos coloridos que vendia na sua barraca também...

Brincadeira... Já nasceu cabeluda, mas não com laços de fita! Também foi registrada pouco depois do nascimento. O avô fez questão de registro no cartório, batizado na igreja e festança no morro. Parecia que sempre havia sonhado com uma Chiquinha. Sobrou para ela...

Lembrava com saudades do avô, mas não herdara o seu talento musical, ou não se interessara o suficiente. Difícil encontrar em todo o Santo Amaro quem sambasse melhor que ela, mas vinha perdendo o gosto. A verdade é que estava cada vez mais fã do sertanejo universitário e passava quase todas as tardes de domingo vendo as duplas na televisão. Mal recordava as músicas que o avô tocava no cavaco. Gostava mesmo era do canto espremido dos sertanejos, vindo lá do fundo, e daquelas roupas apertadas cheias de brilho; Adorava os

cinturões e as botas. Os chapéus então? Nossa! Cada um mais bonito que o outro... Ficavam bem tanto em homem, quanto em mulher.

Do ponto de vista artístico, pode-se dizer, ela puxara mais a avó e, vaidosa, gostava de se enfeitar e enfeitar os outros. Por isso, desde que os avós faleceram, ela buscou meio de vida nos assuntos de beleza: venda de cosméticos de porta em porta; serviços de manicure na residência; pintura e corte de cabelos etc. Também vendeu roupas compradas em São Paulo; cuidou de idosos e nos últimos anos vem sustentando a família com a venda de bijus, tiaras e adereços de ocasião, na sua barraca do Catete.

A Guiomar morreu cedo, de câncer, e o avô se desdobrou nas responsabilidades: Desde a preparação da comida, aos cuidados da escola. Também tratou de levá-la à tiracolo para as noites de boemia. Que fazer? Deixar a menina sozinha, jamais! Assim, ela se habituou a passar o chapéu entre os ouvintes, recolhendo as merrecas que o avô, generosamente, convertia em balas.

Depois da morte da Guiomar, o velho foi murchando. Não deixou as festas, nem o cavaco, mas já não era o mesmo, a não ser no amor pela neta.

Com o passar do tempo, bebia cada vez mais. Só arrumava trabalho pesado, em empreitadas de construções ilegais, morro acima, detonando a saúde já comprometida pelo álcool e pela diabetes.

Finalmente, ficou cego e encostou o cavaco. Então as coisas se inverteram e ela cuidou dele, fazendo os seus bicos no mercado de embelezamento, muito próspero na comunidade.

Os últimos tempos do avô foram de muito silêncio e tristeza naquela casa. Completamente diferente de tudo que havia sido... Talvez por conta da memória dolorosa mais recente, ela já não conseguia lembrar-se bem dos tempos de menina alegre, nem das músicas prediletas do avô... Ficara tudo tão lá atrás...

A casa continuava a mesma, mas ela conseguira comprar televisão, geladeira e celular, aos poucos, no crediário. Sempre pagou os carnês direitinho. Ainda estava lá a velha máquina de costura da avó, encimada por um quadro envidraçado, com a carta-testamento do Presidente Getúlio Vargas. Gostava muito daquela parte: "... um povo que já foi escravo, não será mais escravo de ninguém..." Será? Pode ser? Quem sabe?

Não deixou o primeiro marido arrancar o quadrinho que ele achava antigo e cafona. Enfrentou: Era a casa dela, herdada dos avós... Quem teve que sair foi ele!

Juntou mais duas vezes e teve três filhos: dois meninos e uma menina, que criava sozinha, com muita coragem e ajuda de Deus. Sua vizinha de porta, bem mais nova, também lhe dava uma força, de vez em quando, e ela sempre retribuía. Assim se ajudavam mutuamente. A vizinha tinha uma filhinha pequena: Leididai. A da sua cunhada era Leididaiana.

Estava pensando maquinalmente nessas coisas, enquanto arrumava seu mostruário de chiquinhas coloridas, quando percebeu a mulher, jovem e elegante, diante da barraca, observando com curiosidade os seus adereços.

Muito bem vestida, esvoaçante naquela tarde calorenta, carregava um violão. Parecia que tinha saído de alguma novela. Demorou-se nela, admirada, doida para perguntar...

A colega da barraca ao lado, que antes de virar camelô tinha sido dona de loja de grife, chegou-se mais e cutucou a Chiquinha que estava de queixo caído: É vintage... A moça ouviu e sorriu.

Foi o bastante para que Chiquinha e a colega falida, mas que continuava metida à besta, puxasse conversa: Posso ajudar? Gostou da tiara? Lindo o seu vestido!

Sempre sorrindo, a moça respondeu que tinha gostado das chiquinhas. Será que ela tinha filhos? Tão nova... A moça respondeu que não era para dar de presente. Era para si mesma. Gostava.

A colega se entusiasmou: vai fazer cocurutos no cabelo! Show! As minas estão usando com mechas, uma de cada cor: azul, rosa, verde, louro... Chiquinha foi logo enchendo as mãos de chiquinhas e colocando no maior saquinho disponível na barraca.

A moça pegou. Pagou sem reclamar, umas vinte! E guardou a mercadoria naquela bolsa que tem na capa do violão. Era tão simpática que as vendedoras se animaram a esticar a conversa: Gozado você gostar de chiquinhas. Ela então disse que gostava muito, gostava até demais e pegando num arquinho de princesa, aproximou-o do cabelo de Chiquinha e falou que ela ficava muito bem com ele. A colega tentou competir e disse que na barraca dela tinha lenços de seda e chapéus. A moça, pegando num brinco de pingentes de vidro, perguntou o seu nome. Que coisa! Não fosse ela tão linda, lhe daria uma banda... Mas só respondeu de cara fechada. Chiquinha! Exclamou a moça e seu rosto se iluminou: Chiquinha! Repetiu, que coisa boa! Adoro! Eu sou Nair.

A colega se intrometeu tanto que se esqueceu da própria barraca, com suas mercadorias

concorrentes: Você toca violão? Que massa!

A moça respondeu que tocava de vez em quando. Tinha um bom professor, mas também gostava de desenhar. Chiquinha se identificou mais com essa inclinação, porque aprendera a riscar bordados com a avó.

A moça falou que desenhava caricaturas de políticos e demais autoridades para publicar nos jornais. Chiquinha comentou que tinha em casa um retrato antigo do Getúlio, dos tempos da avó. A moça sorriu novamente e explicou que o que ela fazia não era bem um retrato, ou melhor, era um retrato exagerado. Assim: Ela pegava alguma característica marcante do político, que dava para todo mundo saber que era ele e exagerava: podia ser o nariz, o olho, as sobrancelhas, o cabelo, a boca... A colega sabichona interrompeu: tipo uma harmonização facial!

Nair ficou surpresa: ah, é? Bem, não sei se o retrato fica harmônico, mas parece que mostra mais o político por dentro do que por fora. Para evitar problemas, ela assinava com outro nome: Rian.

Chiquinha comentou que ela também se apresentava, de vez em quando, como Viviane. Mas Viviane não tem nada a ver com Chiquinha e Rian parece muito com Nair. A moça sorriu novamente e mudou de assunto: o dia está bom para tomar sorvete e apontou o Museu: eu toco violão ali. Quando quiserem, apareçam.

Já era noite. As duas colegas começaram a desarmar as barracas, indecisas se deveriam tomar cerveja, ou seguir a sugestão do sorvete. Tudo guardado nas sacolas, já estavam indo embora quando, através das janelas iluminadas do segundo andar do enorme casarão, ouviram escapar nitidamente o som de um violão... Curioso, arrepiou-se Chiquinha... Lembrava a música predileta do seu avô...